

Ulysses pede apoio do novo partido

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

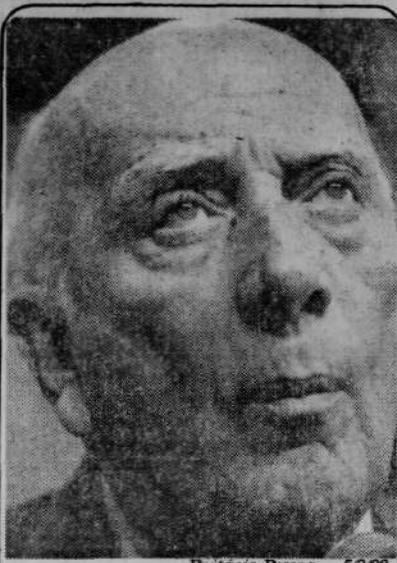
Ulysses Guimarães, candidato a presidente da República pelo PMDB, no segundo turno contaria com o apoio do novo partido de centro esquerda. Esta é a avaliação que está sendo feita pelo próprio Ulysses, nas suas conversas com líderes e governadores do PMDB e com coordenadores do novo partido, admitindo que a divisão agora é inevitável.

O presidente do PMDB, na Presidência interina da República até amanhã, continua mais presidencialista do que nunca, apesar da decisão da Constituinte pelo mandato de cinco anos para Sarney e eleições presidenciais somente em novembro de 1989. O veterano político paulista está certo de que o PMDB o indicará, e não a Orestes Quércia.

Mesmo lutando pela preservação da unidade do PMDB na convenção nacional de 21 de agosto, Ulysses Guimarães, realista, já se convenceu de que não pode evitar a saída dos dissidentes, tendo à frente Mário Covas, José Richa, Fernando Henrique, Euclides Scalco, Franco Montoro e muitos outros. Eles avan-

çaram muito para recuar agora, admitiu. E vai tentar, agora, acordo entre moderados e progressistas do "novo PMDB", para evitar o confronto na convenção nacional.

Com as defecções dos dissiden-



Epitácio Pessoa — 5/3/88

Ulysses cai na real

tes, e com a possibilidade de confronto entre os que permanecerem na agremiação, Ulysses está muito preocupado com o enfraquecimento da legenda, que ele costuma chamar de "vaca leiteira" — que não dá leite, mas dá milhões e milhões de votos.

A tendência do "novo PMDB", de Ibsen Pinheiro, Chico Pinto, Hélio Duque, Néelson Wedekin, Néelson Jobim, Antônio Britto, Ronan Tito e dos governadores Miguel Arraes, Pedro Simon e Waldir Pires, poderá ser sair do partido e aderir à nova agremiação de Covas, Richa e Fernando Henrique, se na convenção nacional os moderados dominarem o diretório e a comissão executiva nacional. Esse novo racha jogaria por terra o velho sonho de Ulysses de subir a rampa do Palácio do Planalto — daí o esforço do presidente do PMDB de costurar o partido, como sempre organizando uma chapa "arco-íris" para o diretório nacional, com todas as tendências internas. Sem esperança de segurar os dissidentes, Ulysses acha possível que, na sucessão presidencial de 89, possa contar com o apoio do novo partido no segundo turno, para enfrentar Leonel Brizola, por exemplo.

PMDB admite que houve cisão

AGÊNCIA ESTADO

O presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, já admite que fracassaram suas tentativas de manter o partido unido. Convencido de que não há mais nada para fazer, ele quer agora que os dissidentes formalizem logo a nova agremiação. Assim, Ulysses teria condições de avaliar suas próprias forças na reconstrução do PMDB. As opiniões do dirigente foram manifestadas durante um jantar, na segunda-feira, em sua residência, que reuniu os ministros Renato Archer e Luiz Henrique e o governador Waldir Pires. (BA)

Waldir e seus colegas Miguel Arraes (PE), Moreira Franco (RJ), Max Mauro (ES) e Carlos Bezerra (MT) decidiram apoiar o movimento do "novo PMDB", que apresentará chapa própria na convenção nacional de 21 de agosto, confrontando-se com os moderados. Poderão também integrar o grupo os governadores Pedro Simon (RS), Henrique Santillo (GO) e Álvaro Dias (PR).

Os coordenadores do "novo PMDB" estiveram reunidos ontem à noite em Brasília com Waldir Pires e decidiram não aceitar nenhum tipo de composição com os moderados para formar uma chapa única, com todas as tendências do partido. "Na convenção teremos um vencedor e um vencido", garantiu o governador da Bahia.

Em Recife, o ministro da Justiça, Paulo Brossard, voltou ontem a criticar o novo partido que está sen-

do formado pelos peemedebistas dissidentes. "O Brasil já tem partidos demais, 39, não há necessidade de mais um", disse. Em seguida, reiterou que os dissidentes devem renunciar ao cargo que ocupam, "pois constitucionalmente o candidato é eleito pelo partido".

OPOSIÇÃO

No encontro de segunda-feira, o

Ideais continuam vivos, diz Ibsen

"O PMDB é um partido vivo, que veio para ficar", insistia em afirmar ontem o líder do partido na Câmara, deputado Ibsen Pinheiro (RS), ao subir à tribuna na vazia sessão matutina da Casa — apenas outros seis deputados o ouviam em plenário — para contestar as acusações de que a agremiação "traiu os seus compromissos". Alguns parlamentares, segundo o líder, têm se afastado do PMDB por motivos pessoais ou regionais, "com absoluta elegância". Outros, porém, saem fazendo acusações "levianas". "Chega a ser chocante — disse — ver algumas biografias marcadas pela absoluta volubilidade política e ideológica cobrarem coerências extremas." Ibsen procurou demonstrar, com números nas mãos, que o PMDB tem sido fiel ao seu programa. E afirmou que a questão dos cinco anos para o presidente Sarney e da opção pelo presidencialismo não podem ser considerados pontos de conflito, porque foram deixadas em aberto por convenção nacional. Cada um podia votar como quisesse.

governador Waldir Pires tentou convencer Ulysses a aceitar uma chapa de oposição contra os moderados na convenção nacional. Empenhou-se também a criar condições para que líderes como Mário Covas e Fernando Henrique Cardoso permanecessem no PMDB até a disputa. Mas não conseguiu nem coisa nem outra.

"É preciso costurar o partido e eleger uma direção cujo extrato seja progressista. O que importa é o comando", afirmou o ministro Luiz Henrique, com o que não concorda o governador baiano. Ele quer disputar com uma chapa própria e, se perder, admite que poderá também sair do PMDB. Pretende também que o governo se ajuste ao programa do partido. Caso contrário, propõe o rompimento do PMDB com o Planalto.

"Romper com o governo, agora? Por que o PMDB não rompeu na Constituinte, votando um mandato de quatro anos para Sarney?", perguntou o senador Fernando Henrique Cardoso. Ele acredita que os governadores considerados progressistas, como o próprio Waldir e Miguel Arraes, sairão do PMDB, integrando-se ao novo partido que está sendo criado.

Ontem à noite, Ulysses reuniu num jantar o governador Orestes Quércia e o líder Ibsen Pinheiro. Fizeram uma análise de como formarão o "novo PMDB" e as relações do partido com o governo. Em princípio, a cúpula peemedebista considera que um afastamento do partido com o Palácio do Planalto será inevitável.